

CAPÍTULO III - A correspondência de Monteiro Lobato como exercício da sociabilidade

Prof. Dr. Emerson Tin

“Apesar de ter levado uma existência trabalhosa, cheia de altos e baixos, Monteiro Lobato jamais descurou da sua correspondência. Diariamente, antes de dar início às suas atividades, cuidava daquilo que julgava obrigação intransferível e inadiável” – afirma Edgard Cavalheiro no prefácio às *Cartas escolhidas* de Monteiro Lobato⁴⁴. Mas por quê? Por que escrever cartas? É uma questão que se coloca. Para além da mera e imediata função de comunicação exercida pela correspondência, por que um escritor consagrado, combalido pelos anos, em estado de saúde delicado, continuaria a dedicar grande parte de seu dia a escrever cartas a inúmeros correspondentes, muitos dos quais nem sequer conhecia?

Isso levaria a uma produção epistolar imensa, de cuja dimensão o próprio escritor tinha ciência, o que o motivou a escrever, em carta a Godofredo Rangel, datada de 5 de setembro de 1943, o seguinte comentário jocoso: “Minha correspondência geral é incrível. Tenho cartas de todo mundo importante desta terra e de outras. Se procurar bem, sou capaz de descobrir algum autógrafo do *Pithecanthropus erectus*...”⁴⁵.

Sim, cartas de todo mundo importante, mas também cartas de inúmeros leitores, adultos e crianças, que dirigiam ao escritor palavras de admiração, impressões de leitura, pedidos os mais diversos, como o de contribuição das meninas Nilda, Margarida e Rute, queixando-se da falta de um gabinete dentário, que motivaria a insólita – e literalmente incendiária – resposta de Lobato em 18 de novembro de 1944: “Querem vocês que eu contribua... Pois não. Vou mandar uma caixa de fósforos para vocês porem fogo nessa escola da Prefeitura – venham

⁴⁴ LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. 3. ed. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1964, p. 9.

⁴⁵ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. 11. ed. Tomo II. São Paulo: Brasiliense, 1964, p. 353.

todos brincar no Sítio do Picapau Amarelo. O Quindim virou dentista e bom dentista. Ele trata dos dentes de vocês todas, de graça...”⁴⁶.

A volumosa correspondência causava inevitáveis atrasos na resposta, o que motivava a queixa de um ou outro correspondente, como evidencia o desabafo de Lobato a uma de suas leitoras, Josette Silveira Mello, então residente em Piracicaba, em carta possivelmente do ano de 1947: “Vocês são centenas de meninas e eu um só, por isso não de perdoar-me que demore em responder às cartinhas que me escrevem ou às vezes deixe de o fazer”⁴⁷.

Voltemos à questão inicial: por que Lobato se obrigava, então, a um exercício diário de escrita, se ele se apresentava penoso ou difícil de cumprir? Uma possível resposta estaria em uma carta a Cesídio Ambrogi, datada de 15 de janeiro de 1947: “nunca deixei carta sem resposta. Acho uma grande incivildade”⁴⁸. Podemos entender que, para Lobato, assim, manter assiduamente a correspondência era uma imposição da própria vida em sociedade, da própria civilização. Mas não apenas isso. Lobato sabia que, apesar de suas limitações – “carta é uma joça”⁴⁹, como chegou a afirmar a, entre outros, Anísio Teixeira –, a carta era, em seu tempo, um poderoso meio de intervenção.

A carta era um poderoso meio de intervenção social, para, por exemplo, manter viva a presença do destinatário, como se lê nas cartas afetuosas dirigidas a Anísio Teixeira:

Chegou-me tua carta do *Gelria* e lemo-la cinco vezes, eu três e Purezinha duas. Deixaste nela uma entusiasta, a ponto de te excluir sempre, como exceção única, quando tem de meter as botas na nossa gente masculina.

Meu caro Anísio, tua saída desfalcou a sério esta imensa cidade e a vítima maior do desfalque fui eu. Fiquei sem que fazer dos meus domingos e tive de inventar uns *outings* de auto, com Muniz e outros, pelo estado de Connecticut a dentro, para tapar o buraco que abriste nos meus *Sundays*. A primeira parte deles ainda está boa, pois enche-a o nosso suculento e

⁴⁶ LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. 3. ed. Tomo II. São Paulo: Brasiliense, 1964, p. 143.

⁴⁷ TIN, Emerson. *Em busca do “Lobato das cartas”: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. 548p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2007, p. 532.

⁴⁸ *Idem*, p. 367.

⁴⁹ VIANNA, Aurélio; FRAIZ, Priscila (Orgs.) *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia/Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986, p. 51.

matter-of-fact-minded Times; mas as tardes ficaram miseráveis.⁵⁰

Como se pode notar neste trecho de uma carta de julho de 1929, logo após a partida de Anísio Teixeira de Nova Iorque, Lobato se ressentia da ausência do companheiro e se utiliza da carta como um paliativo para esse mal. Afinal, se a carta faz presentes os ausentes... Ou, nas palavras da Baronne Staffe, “a troca de cartas permite não se perder de vista, ficar a par dos hábitos, ações e gestos uns dos outros (o que é inestimável para a amizade), continuar falando a mesma língua...”⁵¹. Certamente Lobato sabia disso ao alimentar as relações sociais por meio da correspondência.

É o mesmo que se nota em carta a Godofredo Rangel, datada de 30 de julho de 1947: “Como vai, meu caro? Quando passo muito tempo sem notícias daí, começo a imaginar coisas. Escreva-me duas linhas sossegatórias.”⁵²

Até mesmo para a cobrança de uma dívida, Lobato lançava a mão de uma carta, admoestando o devedor sobre o não pagamento, como a dirigida em 20 de junho de 1947 a certo “Karan amigo”⁵³ – possivelmente, Karan Simão Racy (1898-1964), imigrante libanês que, em 1925, havia fundado uma fábrica de papelão que se tornaria a Indústria de Papel Simão S. A.:

Karan amigo:

Com grande pesar, de volta da Argentina encontrei no Banco Itaú a tua letra não resgatada no dia do vencimento. Isso me força, muito a contragosto, a entregá-la ao meu advogado para a devida cobrança judicial. Vou fazer isso em começo do mês próximo – e você não me acuse de não o haver avisado. Quem avisa amigo é.

No entanto, o envio de uma carta nem sempre atingia positivamente o objetivo pretendido. Um episódio na correspondência entre Lobato e Artur Neiva ilustra bem isso. Fascinado pela prosperidade econômica de seu amigo Cândido Fontoura e ciente das dificuldades pelas quais passava muitas vezes Neiva, Lobato resolve intervir, em carta de 24 de abril de 1922:

⁵⁰ Idem, p. 32.

⁵¹ STAFFE, Baronne. *La correspondance dans toutes les circonstances de la vie*. Édition revue, corrigée et augmentée. Paris: Ernest Flammarion, 1899, p. 2.

⁵² LOBATO, Monteiro. Carta inédita a Godofredo Rangel depositada no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE-IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00198 cx4).

⁵³ LOBATO, Monteiro. Carta inédita a Karan depositada no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE-IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00196 cx4).

ontem, estando com o Fontoura, aproximou-se o Reis e aderiu ao café. Contou-me que recebera carta sua, queixosa das viagens diárias a que o serviço em Manguinhos o obriga. Depois que o Reis se foi, a conversa continuou a seu respeito, e sobre o erro que o Sr. comete persistindo em continuar num posto onde não poderá prosperar economicamente. No entanto, se tiram partido do seu nome e dos seus conhecimentos, poderia, montando um laboratório aí ou aqui, fazer uma carreira econômica rápida. Não vê o Fontoura como está próspero? O próprio Afrânio só no Fontoura já tira mais de um conto por mês, e disse-me o Fontoura que breve tirará duas, três, quatro vezes mais. Porque o Sr. não pensa nisto? Em Manguinhos só lhe esperam trabalhos sem recompensa, aborrecimentos e nenhum futuro. Vindo trabalhar por conta própria aqui em S. Paulo, p. ex. que clientela enorme não teria! Era a fortuna, a liberdade, e a mais deliciosa da vitória, porque provinda de iniciativa individual. Quer que eu estude com o Fontoura um caminho para isso?⁵⁴

Ao que tudo indica, Neiva parece não ter gostado da intervenção de Lobato, pelo que se depreende do rascunho de uma carta sua ao escritor, datado de 08 de maio de 1922 e depositado no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas:

Sensibilizou-me o interesse que por mim tomou. Imensas vezes tenho pensado em análogas soluções que seriam a alforria, bem sei. Tal liberdade se faria, no entanto, à custa do ideal que me trouxe um dia a Manguinhos, onde cheguei peregrinando qual novo Tannhäuser, e consoladoramente também vi o milagroso reverdecer do ressequido cágado que me acompanhava. Que se procura na vida, meu bom amigo? A felicidade? Essa, porém, eu a encontrei no lar. Minha companheira, os 2 filhos, algumas árvores, livros, música à noite: eis o meu paraíso doirado. A vida me tem sido áspera por vezes e periodicamente trago goles de fel que me fazem amargo dias seguidos, são vaivéns naturais do viver; mas até hoje, o meu lar tem sido o encantado ninho de sempre e onde me retempero. Quanto vale tal riqueza? No cinturão, guardo ainda um furo para quando a necessidade for mais premente.⁵⁵

Lobato, talvez percebendo o equívoco que cometera ao intervir em

⁵⁴ TIN, Emerson. *Em busca do "Lobato das cartas": A construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. Op. cit., p. 97.

⁵⁵ Idem, p. 97-98. A versão transcrita no texto apresenta apenas o texto não rasurado do rascunho.

demasia na vida privada do amigo e talvez não pretendendo melindrá-lo ainda mais, parece ter encontrado, na carta seguinte, datada de 20 de maio de 1922, o pretexto perfeito para se esquivar da incômoda situação em que se envolvera:

Recebi uma carta sua, longa, e comecei a lê-la quando alguém me interrompeu. Foi um dia de muito movimento cá. Pois há de crer que essa carta desapareceu de minha mesa, misteriosamente? Dei uma busca em regra, repeti a busca – inútil. O Saci, um espírito qualquer entrou cá e “soverteu” a carta. É assim que respondo à sua última para dizer esta coisa estranha – que a recebi, mas não fui além das primeiras linhas.⁵⁶

O Saci era o responsável pelo desaparecimento de uma carta que expunha uma situação incômoda para ambos os missivistas. Se materialmente não há carta a responder, desaparece o assunto que ela veiculava. Ponto, parágrafo.

Era também por meio de cartas que Lobato recebia pedidos para a redação de prefácios, a que atendia invariavelmente. Por exemplo, em relação à publicação dos *Poemas atômicos*, de Cesídio Ambrogí, que escreveu a Lobato pedindo um prefácio, mas recebe uma negativa:

Quanto a prefácio, meu caro, você me perdoe, mas já me jurei a mim mesmo um ponto final. Isso porque andei a fazê-los tantos que deu na vista, e provocou aquele artigo do Mário Donato no “Estado”, no qual censurou a abundância do meu *animus prefaciandi* e concluiu que os meus prefácios já desmoralizavam os prefaciados, etc. Em vista disso amoitei, e dos prefácios feitos só há a sair um do livro de Nhô Bento. Nunca mais fiz nenhum. Tenho resistido valentemente às solicitações dos estranhos – e quanto aos amigos, como você, não tenho de resistir coisa nenhuma, porque compreendes a minha situação e me ajudarás a cumprir meu voto.

Parece-me ótimo o título de “Poemas Atômicos”. As bombas caem sobre os ricos e arrasam-nos.⁵⁷

Lobato, todavia, acabaria por ceder, conforme se lê da carta assinalada como sendo “provavelmente de 1946”: “Já que v. não dispensa algo desta azêmola, muito bem. Quando as bombas estiverem prontas, manda-mas, que retrucarei com uma

⁵⁶ Idem, p. 98.

⁵⁷ Idem, p. 119. A carta não deve ser muito posterior a 26 de abril de 1945, data em que foi publicado o artigo de Mário Donato a que alude.

cartinha negando prefácio, mas na realidade prefaciando-te epistolarmente”⁵⁸

A carta era, ainda, um poderoso meio de intervenção política, como demonstram, por exemplo, as longas cartas escritas a Getúlio Vargas. Sem meias palavras, falando diretamente o que pensava, Lobato defendia abertamente perante o ditador as suas opiniões. É o que se pode ver, por exemplo, na carta datada de 15 de fevereiro de 1935:

A Revolução de 30 foi apenas política – e é duma revolução econômica que o Brasil precisa. Por que V. Excia., que chefiou com tanto sucesso a revolução política, não chefia também a revolução econômica?

Cumprir acentuar que essa revolução tem que vir, mais ano, menos ano, imposta pelo instinto de conservação do povo brasileiro. Por que então perder tempo com protelações e aspirinas de emergência, simplesmente dilatórias? O que tem de ser feito amanhã sob a pressão cruel da necessidade, faça-se hoje, com ponderação e cálculo.

V. Excia. é tido como profundamente cético, e se assim é deve estar a rir-se da minha ingenuidade. Devo frisar, entretanto, que venho sendo tristemente profético nas minhas ingenuidades. Em carta ao Presidente⁵⁹ Bernardes, em 1925, previ ingenuamente o fim da República Velha em vista da resistência do P. R. P. em aceitar a rampa do voto secreto. Em carta ao Presidente Washington, da América, previ o desastre do seu quadriênio a coincidir com o desabamento dos andaimes da valorização do café. E nesta carta ao Presidente Getúlio Vargas o mesmo ingênuo atreve-se a prever uma longa fase de angustiosas calamidades para o Brasil, culminando em guerra interna e desmembramento, caso a revolução econômica não seja promovida a tempo.

Sei que me torno importuno com o meu cassandrismo; mas uma injunção de dever moral me impele sempre a dizer a quem pode influir no curso dos acontecimentos o que penso e o que a minha intuição pressente.⁶⁰

Além dessa carta a Getúlio Vargas, destaco aqui uma carta escrita

⁵⁸ Idem, p. 119. A carta-prefácio aos “Poemas Atômicos” de Cesidio Ambrogi seria incluída posteriormente no volume “Prefácios e entrevistas” das Obras completas de Monteiro Lobato.

⁵⁹ É interessante registrar aqui que Lobato hesitou entre maiúscula e minúscula na palavra “presidente”, conforme se pode observar no original datiloscrito.

⁶⁰ LOBATO, Monteiro. Carta de Monteiro Lobato a Getúlio Vargas criticando a visão unilateral dos nacionalistas em relação à entrada de capitais estrangeiros no país e defendendo a necessidade de uma Revolução Econômica. GV c 1935.02.15. Disponível em: <<https://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CorrespGV2&pasta=GV%20c%201935.02.15>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

a Fernando Costa, em 4 de junho de 1941, dia em que assumia o cargo de interventor federal em São Paulo. Escrevendo da Detenção, Lobato ousa se dirigir ao recém-empossado interventor para denunciar, de modo detalhado, cru e contundente, as condições subumanas a que eram submetidos os presos no Gabinete de Investigações pela Polícia de São Paulo: “Os presidentes de S. Paulo se sucedem e nenhum se lembra de corrigir as falhas horrendas dessa coisa monstruosa que se chama Polícia de S. Paulo, com a sua Câmara de Torturas, que se chama Gabinete de Investigações”. E conclui: “Foi preciso que eu viesse passar uma temporada aqui entre as vítimas para me convencer da hedionda realidade”.⁶¹ Mas a intervenção política de Lobato, nesta carta, vai além: não só denuncia a violência da Polícia de São Paulo como também, em raciocínio lógico-jurídico primoroso – e mais atual do que nunca –, escancara a ilegalidade da atuação das forças de segurança paulistas:

Ora, não me consta que haja alguma lei autorizando a aplicação de torturas no Brasil. E se não há essa lei, então esses atos constituem monstruosos crimes da polícia. A solução tem que entrar neste dilema: ou a polícia suspende as torturas, ou então o Estado Novo as legaliza, restaurando uma daquelas velhas leis da Inquisição na Espanha.⁶²

A carta também era um poderoso meio de intervenção pedagógica. Como aponta Regina Maria Abu-Jamra Machado, “a pedagogia é uma preocupação constante neste escritor que quis e soube criar, para as crianças, ‘livros onde se pode habitar’”.⁶³ Não podemos nos esquecer de que, desde a juventude, Lobato era conhecido entre os colegas do Cenáculo como o *magister dixit*. Edgard Cavalheiro registra que, “em tom de brincadeira, os companheiros referiam-se a ele como o *magister*, mas Godofredo Rangel confessaria mais tarde que a troça não era sincera, uma vez que todos, a *una voce*, reconheciam-no como o maior, aquele realmente marcado para subir mais alto do que os outros”.⁶⁴

De qualquer modo, Lobato, em sua correspondência, assumia, por vezes,

⁶¹ LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*, Op. cit., t. 2, p. 79.

⁶² Idem, p. 80.

⁶³ MACHADO, Regina M. A. Une pédagogie critique chez Lobato. *Cahiers du Crepal*, Paris, n. 11, p. 156, dez. 2004.

⁶⁴ CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962, t. 1, p. 89-90.

um tom magistral, com o objetivo de levar seus interlocutores a leituras das obras que considerava fundamentais. Este papel pedagógico se percebe, por exemplo, em relação à obra de Nietzsche, recomendada entusiasticamente a Rangel, mas também a Albino Camargo:

Nietzsche. Albino, Albino, vá atrás desse homem, Albino, manda buscar as suas obras e *penetra-as*. Só agora é que eu *principio a vislumbrá-lo* e tem sido tamanho o deslumbramento meu que sinto-me tolhido, incapaz de pensar. Essas caricaturas de Nietzsche que correm mundo, sob o nome pretensioso de críticas, de super-homens e histórias são uma grande mentira. É o que Nietzsche *parecer ser* a quem o vê pela primeira vez, mas nunca o que ele é realmente. (...) Meu grande desejo é educares a superioridade do teu espírito no convívio dele. Experimente. Com 30\$000 tens Nietzsche em casa.⁶⁵

Anos mais tarde, já consagrado como escritor, Lobato continuaria a, por cartas, intervir pedagogicamente. Aconselhando os neófitos que o procuravam, Lobato disseminava sua visão sobre a literatura e o fazer literário, como, em carta sem data, mas datável, para Cavalheiro, “de fins de 1939, ou princípios de 1940”, a Regina Toledo Moreira, filha de Lino Moreira, companheiro do *Cenáculo*:

Não pare de escrever. Como uma pianista se torna uma Guiomar, se não trabuca todos os dias no exercício para adquirir agilidade nos dedos e apuramento do ouvido? Discipline o corpo. Todos os dias, à mesma hora, sente-se à mesa e escreva. Dentro dum mês estará acostumada – e pronto.

Outro conselho que darei para contos é não fabricá-los na cabeça, e sim colhê-los na vida. Quem cria os bons contos não somos nós, é a Grande Mestra – a Vida. Nós apenas os captamos e os pomos em forma literária. Dá-se com eles o mesmo que com os brilhantes. O garimpeiro acha-os, e depois o lapidador os transforma em maravilhosos solitários. Faça assim. Garimpeie. Pegue os contos da vida que passarem ao seu alcance – e bote-os em forma artística, sem visar coisa nenhuma senão o bom acabamento da obra. Faça assim que quando menos pensar estará com uma linda coleção de *contos vivos*, pois só são vivos os criados pela vida.⁶⁶

⁶⁵ LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. Op. cit., t. 1, pp. 78, 80.

⁶⁶ LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*, Op. cit., t. 2, p. 43.

O “pôr em forma literária” recomendado à destinatária, porém, precisa ser entendido como a mínima intervenção possível sobre o material “colhido na vida”. Percebe-se que essa, de certo modo, era a arte poética lobatiana, ao defender, em carta ao poeta Cesídio Ambrogi, datada de 26 de julho de 1944, o que chama de “desliteralização” da escrita:

Acho que você precisa desliteralizar-se um pouco mais. O que estraga a literatura é sempre a “literatura”. Sem querer nós nos deixamos arrastar. Depois que li o ÉRAMOS SEIS da Dupré aprendi muita coisa; e como estava a mexer nas minhas FÁBULAS para nova edição, tirei delas todo um punhado de expressões “literárias” cunhadas – simplifiquei, humanizei, e ficou muito melhor. Nós morremos aprendendo, meu caro. E uma das coisas mais difíceis é alcançar a simplicidade sem cair na vulgaridade. É o grande amor pelas “expressões bonitas ou literárias” e quando velhos já bem sabidos nos convencemos de que o mal literário está justamente nelas. A cada nova reedição dos meus livros ando eu a podar coisas que no momento de escrever me pareceram “belezas”.⁶⁷

Em todos os exemplos trazidos aqui, pode-se perceber que Lobato via a carta como um meio de intervenção, já que parecia estar convicto da eficácia do discurso epistolar, por mais que a carta pudesse ser “uma joça”. Se não fosse desse modo, por que teria escrito uma carta como a dirigida a Rodrigo Otávio Filho em 26 de dezembro de 1920? “Recebi a tua carta. Infame contabilidade! Além de tantas dificuldades peculiares ao negócio, o câmbio a 9 e a contabilidade contra! Mas esperamos que V. saberá dar volta à coisa, e obter o pagamento malgré contabilidade. Acha conveniente uma carta nossa ao Azevedo Gafe?^{68?}”⁶⁹

Uma carta poderia resolver o problema apontado? Uma carta levaria o Ministério a saldar a dívida oriunda de uma assinatura da *Revista do Brasil* não paga? Em outra carta, sem data, Lobato insistiria na tentativa de intervir por meio da correspondência: “Como está duro o Ministério, hein? Não acha V. que

⁶⁷ TIN, Emerson. *Em busca do “Lobato das cartas”: A construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. Op. cit., p. 117.

⁶⁸ Possível corruptela jocosa de Azevedo Marques (1865-1943), Ministro das Relações Exteriores (1919-1922) da presidência de Epitácio Pessoa.

⁶⁹ TIN, Emerson. *Em busca do “Lobato das cartas”: A construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. Op. cit., p. 241.

devamos escrever daqui uma carta ao Azevedo Marques⁷⁰ pedindo o obséquio de não ser caloteiro? Nem relapso ou tão tardio no pagamento dum sermão que eles mesmos (o Murici) encomendou?⁷¹. Anos mais tarde, em carta a Charlie W. Frankie, Lobato diria:

Recebi a telefonada do Hilário e escrevi hoje duas cartas enérgicas, ao Armando e ao Clóvis. A coisa há de sair. Está sendo arrancada a fórceps.

Minha ida é inútil. Faço daqui por cartas o mesmo que faria aí pessoalmente – e para agir pessoalmente tenho o Dr. Azevedo.

Esteve com ele?

Procure-o. Ele sabe agir e tem prestígio.⁷²

Como podemos notar, Lobato realmente parecia acreditar na eficácia das cartas, no poder da palavra escrita, ecoando pelo tempo e pelo espaço.

Por que se escrevem cartas afinal? Apenas para cobrar assinaturas não pagas ou para reunir forças em torno do petróleo? Parece ser óbvia a resposta: para manter a comunicação com o destinatário. Desde o final do século XIX, porém, a carta havia deixado de ser o veículo privilegiado de comunicação entre as pessoas, substituída que fora pelo telégrafo e pelo telefone. Em *La correspondance dans toutes les circonstances de la vie*, a Baronne Staffe lamentava ver as comunicações telefônicas e telegráficas substituírem inteiramente as correspondências escritas⁷³. Parece, no entanto, que a previsão melancólica da baronesa não se concretizou de todo, e o gênero teve uma grande sobrevida ao longo de todo o século XX, inclusive com o surgimento de grandes epistológrafos, bastando lembrar, no caso brasileiro, Monteiro Lobato e Mário de Andrade para bem fundamentar esse argumento.

Isso porque, afinal de contas, parece que o ato de escrever cartas não encerra em si tão somente o aspecto primordial da comunicação. Há no ato da escrita da carta todo um ritual que qualquer outro meio de comunicação

⁷⁰ José Manuel de Azevedo Marques (1865-1943), Ministro das Relações Exteriores (1919-1922) da presidência de Epitácio Pessoa. Possivelmente, o “Azevedo Gafe” da carta anterior.

⁷¹ TIN, Emerson. Em busca do “Lobato das cartas”: A construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários. Op. cit., p. 242.

⁷² Idem, p. 242.

⁷³ STAFFE, Baronne. *La correspondance dans toutes les circonstances de la vie*. Op. cit., p. 1.

não é capaz de manter. A escrita de uma carta tem o seu tempo próprio, tem o seu ritmo próprio. Nela se escolhe o que se vai dizer, pesam-se muito bem os prós e os contras, sabe-se até onde ir, o que falar e o que calar, em função do destinatário a quem é dirigida. É ainda a Baronne Staffe quem conclui que, “enfim, para escrever como para falar, dever-se-ia sempre ter em vista a satisfação dos outros. O amor de seu semelhante, o altruísmo verdadeiro se revela na mais insignificante das cartas, pois pode-se sempre nelas testemunhar o respeito que se tem pelo outro ou o desprezo que se tem por aquilo que não lhe é próprio.”⁷⁴

Mas é outro francês quem, talvez, melhor tenha definido a carta tal como Lobato a concebia. Antoine Albalat, em sua *Arte de escrever ensinada em vinte lições*, defende que “a carta, no uso ordinário, não é um gênero voluntário, um trabalho que se escolha. É uma obrigação. Há uma missiva qualquer a enviar, há uma correspondência a fazer, segundo os acasos da vida, ou porque sucede isto ou aquilo.”⁷⁵ E talvez aqui esteja uma das chaves para entendermos o Lobato epistológrafo, intenso e extenso na sua atividade epistolar: uma obrigação intransferível e inadiável.

⁷⁴ STAFFE, Baronne. *La correspondance dans toutes les circonstances de la vie*. Op. cit., p. 10.

⁷⁵ ALBALAT, Antoine. *A arte de escrever ensinada em vinte lições*. 8. ed. Tradução portuguesa da 16ª edição francesa por Cândido de Figueiredo. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1948, p. 321.